

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Globo

Class.: AM-Desmatamento

Data 14.10.84

Pg.: 26

Amazônia: devastação causará enchentes

BRASÍLIA — A Amazônia está sendo devastada em um ritmo tão acelerado — advertem pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) — que a erosão provocada pelo desmatamento tende a alterar o regime dos rios da região. Em um futuro não muito longínquo, eles ficarão sujeitos a enchentes incomuns e estiagens prolongadas, além do extermínio de peixes, em consequência das alterações climáticas.

Para conter o problema, mesmo em áreas do Governo, só se acredita em uma solução: o zoneamento da região. Os últimos números da devastação são de 1980 (nos últimos quatro anos, a tendência é ter aumentado). Até então, foram derrubados na Amazônia 12,3 milhões de hectares de florestas.

Técnicos do Programa de Monitoramento da Cobertura Florestal do Brasil acreditam que os levantamentos globais do próximo ano revelarão "dados estarrecedores".

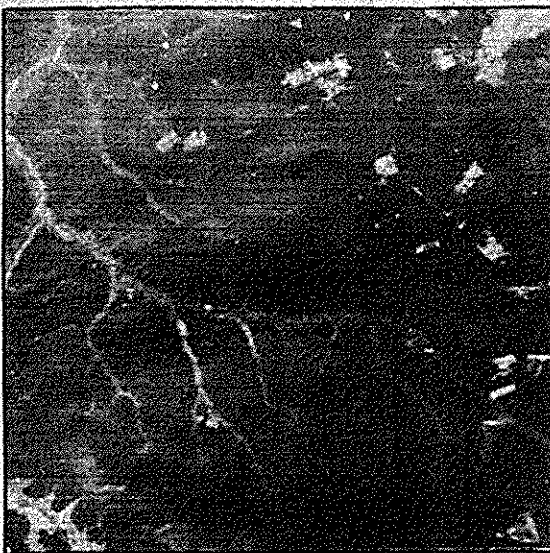
VELOCIDADE

O Coordenador Nacional do Programa, engenheiro florestal Célio Paiva Santos Filho, diz que o processo de devastação em áreas de Rondônia, Mato Grosso e região do "bico do papagaio" — sul do Pará, norte de Goiás e oeste do Maranhão — tornou obsoletas as fotos de satélite feitas no ano passado.

— As nossas equipes de campo concluíram que os dados do inventário florestal de 1983 estão defasados — afirma Célio. — O satélite Landsat fará uma "geral" no próximo ano, para quantificarmos a devastação, que sabemos ser crítica, no ritmo em que vai.

MENOS CHUVAS E PEIXES

No livro "Amazônia: desenvolvimento,



As manchas brancas vistas na foto à esquerda tirada da região do Araguaia (MT) pelo satélite em 1973 mostram as áreas devastadas já bastante ampliadas cinco anos depois (à direita)



integração e ecologia", publicado pela Editora Brasiliense, em co-edição com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), um dos autores, o pesquisador Enéas Salati, do INPA, analisa as consequências do desmatamento para os rios: como 50 por cento das chuvas na região são provenientes da evapotranspiração da floresta, se ela for substituída por pastagens ou mesmo por florestas secundárias (capoeiras), as chuvas diminuirão.

— O desmatamento não virá sozinho. O solo, as águas e o ar ficarão poluídos diz ele, e exemplifica: Em São Paulo e no Paraná, na bacia do Rio Paraná, existiam dourados de 15 quilos e surubins de 40 quilos. Hoje, apenas 20 anos depois, esse rio não passa de um esgoto a céu aberto, sem peixes.

Além da mortandade direta, o sistema de reprodução, alimentação e crescimento dos peixes ficará desequilibrado. Mui-

tas espécies serão extintas, pois não são conhecidos, com detalhes necessários para serem reproduzidos em laboratório, as cadeias alimentares e o sistema de reprodução de inúmeras delas.

PROJETOS

— A perturbação introduzida no ecossistema florestal pelos grandes projetos agroindustriais não encontra paralelo nos processos naturais — diz Herbert Otto Roger Shubart, também pesquisador do INPA e co-autor do livro — porque não se prevê a regeneração da floresta no ciclo de utilização da terra.

Em 1981, a área total aprovada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) para assentamentos planejados era de 10,5 milhões de hectares. Os empreendimentos agropecuários programados pela Superintendência de De-

senvolvimento da Amazônia (Sudam) atingiam 5,2 milhões de hectares. Mas como, por lei, 50 por cento desta área deveriam ser destinados a preservação permanente, apenas 7,9 milhões de hectares deveriam ser desmatados. Os satélites do Programa de Monitoramento, entretanto, registraram 12,3 milhões de hectares devastados.

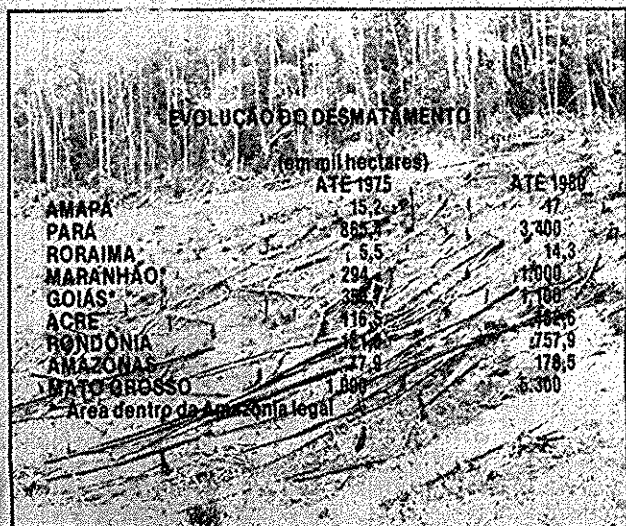
PROVIDÊNCIAS

O Governo não tem meios de impedir a devastação em uma área tão grande. A recente portaria do Presidente do Incra, Mauro Reis, estabelecendo que não poderão ser desmatados mais que 20 por cento das propriedades localizadas nas áreas mais

críticas, provavelmente será desrespeitada, como vem sendo o Código Florestal.

Em 1979, foi criado um grupo de trabalho interministerial, para fazer um projeto de zoneamento para a Amazônia. Composto pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), a Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema), o Incra, a Sudam, a Fundação Nacional do Índio (Funai), o CNPq, o Conselho de Segurança Nacional, o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e as Universidades Federais do Amazonas, Pará, Acre e Rondônia, até hoje não apresentou resultados.

Joaquim Jodele



O quadro mostra o acelerado desmatamento em nove Estados da Amazônia legal